

**DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

Wellington Afonso DESIDÉRIO<sup>1</sup>  
Márcio Rogério SILVA<sup>2</sup>

**Introdução**

O livro *As centralidades e as fronteiras das empresas do século 21* (DONADONE; CHAVES, 2011) é uma obra que contribui para a discussão sobre as novas concepções de empresa e o predomínio das finanças, suas crenças e atores, através de instrumentos como a governança corporativa, responsabilidade social, sustentabilidade socioambiental, os fundos de pensão, *privaty equities* e através também de instituições como órgãos públicos, associações privadas e seus atores.

O livro, organizado por Júlio César Donadone e Maria A Chaves Jardim, destaca-se pela preocupação dos autores quanto às questões culturais de modo que as formações cognitivas dos indivíduos são consideradas atreladas a socialização (DOUGLAS, 1998). Além disso, os artigos fogem do caminho proposto pela economia ortodoxa da “mão invisível”, pois a proposta do livro é analisar as “mãos visíveis” (HIRSH, 2003), seguindo as propostas da sociologia econômica e das finanças.

A obra é estruturada por uma coletânea de artigos com uma visão multifacetada e complementar da relação “empresa-produção”. Dessa maneira, os trabalhos possuem recortes metodológicos oriundos de pesquisas de campo realizadas no Brasil, China, Estados Unidos, Canadá, França e Reino Unido.

A contribuição do livro está em discutir a concepção tradicional de organização e de empresa, considerando o cenário de predomínio das finanças. Assim as centralidades e as fronteiras entre empresas e finanças e as relações contraditórias e convergentes resultariam em uma inédita relação: precariedade no mundo do trabalho, formas de acesso à cidadania por

---

<sup>1</sup> Mestrando em Engenharia de Produção. UFScar – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – Pós- Graduação em Engenharia de Produção. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 - wgtm.desiderio@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Engenharia de Produção. UFScar – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Ciências Exatas e Tecnologia – Pós- Graduação em Engenharia de Produção. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 - marciosrogerio@gmail.com

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

meio do mercado e ascensão de novas elites sociais. Além disso, ressalta-se também na obra a estruturação interessante na seqüência escolhida dos artigos, que faz com que o livro de maneira geral tenha uma abordagem que usa uma complementaridade entre macro e micro-sociologia, dando uma contribuição interessante e mostrando que a utilização de abordagens de forma complementar pode trazer grandes benefícios para a compreensão sobre predomínio das finanças e seus desdobramentos no cenário atual.

### **A concepção financeira**

A primeira parte recebe o título concepções de mundo, concepção de empresa, onde é abordado o modelo financeiro levando em consideração as variáveis culturais e sociais. São cinco artigos que exploram temas concernentes às ferramentas da concepção financeira, tais como governança corporativa, conselhos de administração e responsabilidade social. Chama a atenção o fato dos estudos serem regidos por uma unidade de análise de coletividades. Além disso, percebe-se que os autores não trabalham com preferências fixas, pois analisam os valores, as atitudes e o comportamento como algo transformável e fluído. Essas preocupações geram veracidade e solidez aos trabalhos.

O primeiro trabalho, “Modelo de mundo modelo de empresa”, de Roberto Grün, ilustra, através da idéia de guerra cultural, a coexistência de dois modelos de empresa. O modelo 1 privilegia o longo prazo, onde a competitividade das empresas é função dos investimentos bem direcionados em qualificação do pessoal, qualidade e tecnologia. Já o modelo 2 privilegia, inspirado pela razão financeira, em uma idéia de eficiência baseada no aumento do valor líquidos das ações, ou seja, nesse modelo busca-se uma maximização do retorno máximo no curto prazo.

No artigo o autor não se limita apenas a analisar as disputas econômicas, mas sobretudo, as disputas culturais para expor o conflito entre um modelo industrial e um das finanças. Nessa análise, baseada numa idéia de guerra cultural, o autor cita a entrevista de agentes do modelo 1, identificados como os engenheiros e gerentes industriais que se contrapõe aos arautos do neoliberalismo, indicando que nessa disputa a retórica é um enquadramento cognitivo que modela as práticas, prescrevendo as alternativas de decisão empresarial. O autor também aponta que gostos e hábitos também operam nas decisões financeiras, bem como há também uma questão geracional entre jovens e mais velhos no mercado de trabalho que também contribui para os diferentes comportamentos acerca das

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

associações ao modelo 1 e ao modelo 2, o que é interessante pois o autor demonstra que as decisões tomadas tem uma complexidade muito maior do que apontam os modelos de atores racionais. Nesse sentido também aponta que lentes cognitivas são construídas e os indivíduos são socializados a partir dos pressupostos que sustentam a ordem e inclinam-se fortemente a filtrar a realidade.

Em seguida o artigo de Ewald Engelen, Ismail Engelen, Ismail Erturk, Julie Froud, Adam Leaver e Katel Williams; analisa o tema inovação financeira nos jornais financeiros e nas finanças acadêmicas. Chama a atenção o novo conceito de inovação proposto baseado em três elementos: estrutura, conjuntura e bricolagem. Esse novo enfoque é interessante pelo foco dado a fragilidade dos jornais financeiros na intermediação das inovações financeira. Para os autores a inovação financeira é o resultado ou uma característica ascendente de uma conexão acidental de condições estruturais, situações conjunturais e técnicas de reposição, dispositivos heurísticos e habilidades que, em conjunto, formam as características de um bricoleiro de sucesso. E os conceitos acadêmicos, propostos por teóricos do mercado, seriam tendenciosos.

No trabalho, inicialmente, são analisadas as respostas do jornalismo financeiro perante a crise da inovação financeira iniciada no verão de 2007. Nesse momento a mídia enaltecia a inovação financeira por sua aparente habilidade em criar liquidez, democratizar a disponibilidade de crédito e driblar os riscos. Em seguida, os autores investigaram também esse tema nos discursos acadêmicos.

As finanças acadêmicas predominantes representavam a inovação financeira em termos circulares e teológicos como aquelas que aperfeiçoavam o mercado. Encontrou-se mais sofisticação nos estudos sociais de finanças e aumento da literatura sobre financialização, e ambos suprimiram a falta de qualquer conceito de inovação com julgamentos morais, implícitos e explícitos, tanto pró como contrários.

Os estudos sociais de finanças tendiam a apresentar os inovadores como cientistas heróicos, enquanto a literatura sobre financialização depreciava os resultados de redistribuição à medida que as elites se beneficiavam quando a situação era mais obscura para as massas.

O próximo artigo, de Michael Useem e Neng Liang, Globalizando o conselho de administração: Lições da empresa chinesa Lenovo; aponta a globalização do conselho de administração nas empresas da China e Índia. Nesses países, atores como acionistas, agências reguladoras e corporações são pressionados a reverem seus princípios de governança corporativa por conta do crescimento sustentado da economia. Os autores mostram que os

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

dirigentes presentes nos conselhos de administração das empresas desses países estruturaram sua governança corporativa seguindo a empresa Lenovo, que após a aquisição da divisão IBM, reestruturou seu conselho de administração conforme a lógica dominante das finanças. Destaca-se que até antes do caso Lenovo, os conselhos de administração das empresas desses países não abrangiam tanta relevância.

Em seguida vem o artigo Neil Fligstein, Teoria e Métodos para o estudo de Campos de Ação Estratégica, trata-se de um estudo sobre métodos. O autor propõe agregar perspectivas teóricas através de uma perspectiva que enquadra as visões básicas da teoria de campo, a qual ele chama de “campos de ação estratégica”. Para isso, o autor dialoga com diversos autores de correntes analíticas e pondera um pequeno aglomerado de mecanismos pelos quais se acredita que os campos de ação estratégica existem, são estruturados, operam dinamicamente durante um período e, finalmente, são transformados.

Finalizando a primeira parte, segue o artigo de Marina de Sousa Sartore, Responsabilidade social empresarial e investimento socialmente responsável: o espaço da sustentabilidade em debate. A autora mostra o desenvolvimento das práticas relacionadas à ação social empresarial brasileira nos últimos vinte anos. Dessa maneira, a autora discute que num primeiro momento as empresas estavam prioritariamente voltadas para gerar lucro (ortodoxia) e num segundo momento, através de transformações nas fronteiras entre as finanças e o mundo produtivo, com predomínio das finanças, a partir da governança corporativa e sua junção com a idéia de investimento socialmente responsável, houve uma nova concepção sobre o papel da empresa para gerar lucro e bem estar social (heterodoxos).

Para isso são analisados três períodos fundamentais: A emergência da “Responsabilidade Social Empresarial”; sua ramificação em “Sustentabilidade Empresarial” e, por último, seu desenvolvimento em “Investimento Socialmente Responsável (ISR)”. No trabalho é apontado que a emergência desse campo determina os limites e fronteiras das empresas no século 21, reinventando o clássico dilema do agente/principal pela oposição, respectivamente entre os empresários (agentes) da Responsabilidade Social e os investidores (principais), através dos porta-vozes do Investimento Socialmente Responsável. O trabalho também mostra que quem “dita” o que gera valor para a empresa, em termos de Sustentabilidade Empresarial, são instituições ligadas ao mercado financeiro e também evidencia os atores-chave do processo, o qual não teria ocorrido sem que houvesse o convencimento de que esse índice representa parte do retorno financeiro, ou seja, a autora não ignora que haja um fator racional nas decisões, mas vai além, apontando outros fatores que influenciam nesse cenário.

## **O papel dos consultores e as transformações geradas pela difusão das finanças**

A segunda parte, intitulada Agentes de intermediação e reconfiguração das empresas, estuda os papéis de intermediários, tais como consultores empresariais. Além disso, também estuda, através do caso do setor sucroalcooleiro brasileiro, as transformações geradas pela difusão do modelo das finanças e por último é apontada a popularização do mercado financeiro no Brasil.

Nota-se a preocupação dos autores em desenvolver seus conceitos e proposições com base nas percepções e significados dos atores sociais. Tal perspectiva é relevante pelo fato de gerar trabalhos descritivos acerca dos fenômenos pesquisados.

O primeiro estudo, de Matthias Kipping e Ian Kirkpatrick, O desenvolvimento da consultoria de gestão empresarial entre estrutura e agência, mostra uma crítica às limitações da literatura de consultoria. O autor propõe que uma visão de desenvolvimento da consultoria baseada em modismo não consegue explicar as tendências históricas mais prolongadas. Uma preocupação adicional é baseada na grande ênfase atribuída na literatura à firma de consultoria estratégica e à organização dos consultores para promover mudanças. Para o autor existe a tendência de ignorar ou afastar a “determinação do contexto” de amplas condições estruturais e históricas que definem as práticas dos consultores.

O restante deste estudo contém três partes principais: um exame das abordagens baseadas em modismo; uma exploração mais detalhada de algumas críticas dessas abordagens e uma consideração de como as maneiras, de acordo com relatos históricos sobre consultoria, podem ser fortalecidas a partir de idéias do realismo crítico.

Em seguida, Michael Vilette, com o artigo “Por que os consultores em gestão, muitas vezes, são obrigados a fazer o trabalho ‘sujo’?” aponta a necessidade de realizar “trabalho sujo” que é necessário aos consultores. O autor esclarece que tal estudo é relevante do ponto de vista sociológico, porque constitui um sintoma dos distúrbios do sistema econômico mundial. Da mesma forma, é um sinal ético e político útil para as pessoas que evoluem no mundo dos negócios, em todos os níveis da hierarquia, do operário ao diretor geral, e para os próprios consultores. Assim a pesquisa é um convite para cada um desses refletir sobre a sua profissão.

No artigo é mostrado que os consultores são obrigados a fazer o trabalho “sujo” para evitar erros que são cometidos ao longo da cadeia de comando, que abrange desde as sedes mundiais das grandes multinacionais, bancos e empresas de consultoria internacionais, até os

## DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA

---

estabelecimentos industriais e comerciais de base, espalhados nos diversos países. Realça-se o choque moral do trabalho “sujo” nos jovens diplomados que se principiam nos ofícios do conselho. Por fim, o autor questiona acerca das variáveis que poderiam governar interiormente os meios de gestão, restringindo a quantidade de erros, e seu corolário, o trabalho “sujo”, insistindo particularmente na necessidade de temperar com diplomacia intervencionista e os devidos controles para favorecer a capacidade de inovação e adaptação das organizações aos ambientes variados e instáveis.

O próximo artigo de Júlio César Donadone, “As formas de atuação e configuração dos intermediários de conteúdos gerenciais: a cartografia do espaço de consultoria brasileiro e a imprensa de negócio” demonstra as diferentes articulações sociais que produzem a internacionalização das consultorias e suas formas de naturalização de conteúdos gerenciais. Para isso, o trabalho mostra uma contextualização histórica da criação das consultorias e as transformações pelas quais passaram ao longo da história, a ação de expansão do mercado de consultoria no Brasil, seus métodos de atuar e o envolvimento com outras organizações, na tentativa de apontar suas peculiaridades, principais alterações nas últimas décadas e as particularidades do setor no Brasil. Essa abordagem se faz interessante porque evita o anacronismo histórico para contextualizar de maneira mais efetiva a realidade atual das consultorias.

O autor aponta como consultores constroem as representações sociais de si mesmos e do espaço da consultoria, através de evidências empíricas do crescimento de receitas que passaram de 22 bilhões em 1990 para mais de 100 bilhões em 2000, com um aumento significativo de consultores. Além disso, o autor debate de maneira interessante os instrumentos de difusão cultural que as consultorias utilizam para se legitimar, através de livros de origem acadêmica oriundos de *business schools*, gurus de publicações especializadas na imprensa de negócios que apontam supostos casos de sucesso, cursos e seminários e as próprias empresas de consultoria. Essa explicação tem foco na restrição imposta, segundo o autor, pelas “lentes culturais” pela qual os indivíduos interpretam as situações.

Outra indicação feita no trabalho, é que os financistas utilizam dos serviços de consultoria para arbitragem do valor de empresas a serem compradas e para solução de problemas, em que há destaque para a dominação de abordagens financeiras, o que reforça a linha do livro sobre o papel relevante das finanças. Além disso, o autor apresenta a reconversão de alguns atores de cargos gerenciais em consultorias e também o fenômeno “alongamento de circuitos de legitimação”, em que os atores legitimam uns aos outros.

## DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA

---

O próximo artigo, de Antônio Pedroso Neto, “Consultores internacionais e reestruturação organizacional: homogeneidade cognitiva e legitimidade política para a ação” descreve a dimensão empírica de um processo de mudanças organizacionais concomitantes com um processo de privatização durante a década 1990. O autor propõe-se a explicar como ocorreu a dinâmica da organização em um contexto crítico: os funcionários sabiam que as experiências de mudanças organizacionais, de modo geral, resultariam no desmantelamento do corpo de funcionários.

O autor enfoca a atuação dos consultores na modernização e a idéia de uma aliança tácita entre eles e os arautos da modernização e da privatização da empresa. No processo, chamado de modernização, a ação da consultoria internacional (*Andersen Consulting*) foi decisiva para dar homogeneidade cognitiva e legitimidade política à ação dos promotores da modernização (que, em grande medida, estavam procurando se defender de um *takeover*).

Em seguida Martin Mundo Neto com o artigo “Difusão da lógica financeira e internacionalização da indústria sucroalcooleira brasileira” mostra as transformações ocorridas na indústria sucroalcooleira nos últimos anos. O autor mostra que, através dos movimentos de fusão e aquisição, principalmente através da entrada de investidores institucionais, a concepção de empresa familiar tem deixado de ser hegemônica para predomínio da concepção financeira.

No artigo são apontados os atores atuantes nesse espaço e como constroem o mercado de etanol. O autor argumenta que, entre os principais grupos sucroalcooleiros, houve um crescimento expressivo de investidores internacionais, particularmente na forma de fundos de *private equities*, o que gerou um processo sem precedentes de internacionalização da propriedade da indústria sucroalcooleira.

Por fim o artigo de Elaine da Silveira Leite, Mediadores, performances e o processo de popularização do mercado financeiro no Brasil, versa sobre a popularização das finanças pessoais, mostrando a expansão do processo de financeirização.

Fundamentada em dados empíricos, a autora apresenta as ações performáticas dos gurus financeiros que, ligados aos esquemas da auto-ajuda, constroem fórmulas simbólicas capazes de induzir moralmente os indivíduos a agir economicamente como se isso fosse uma causa boa e justa, conquistando indivíduos antes inimagináveis para dentro dos circuitos do mercado.

## O trabalho no contexto das finanças

A terceira parte, intitulada O espaço do trabalho: fronteiras e centralidades trata das novas formas de inserção social de atores (ou instituições) no mundo do trabalho. É formada por quatro artigos que tratam de temas como cidadania, fundos de pensão, sindicatos, microcrédito e trabalho no cenário das finanças. O que chama a atenção nessa parte é que os trabalhos consideram as motivações humanas como desenvolvimento da socialização. Sendo assim, as ações são influenciadas pela forma como as pessoas entendem e valorizam – através da socialização e da aculturação, os diferentes aspectos do mundo que os rodeia. Essas preocupações geram veracidade e solidez aos trabalhos.

O primeiro artigo de Alberto Cardoso, Uma utopia brasileira: Vargas e a construção do Estado do Bem Estar no Brasil, retrata o estado do bem estar no Brasil como uma construção social.

O autor inicialmente procura decifrar o enigma persistente da desigualdade no Brasil. Para isso, o autor volta a “Era Vargas” enaltecendo as reproduções de desigualdades no decorrer do tempo. Para isso, são apresentadas as feições do programa varguista de “valorização integral do homem brasileiro” no intuito de chamar atenção para seus limites e conseqüências na reprodução da desigualdade. Dessa maneira, argumenta-se que a pobreza estrutural do Estado foi um dos fatores que propiciaram as possibilidades de sucesso do empreendimento varguista. Assim, aponta-se que a “cidadania regulada” gerou nos trabalhadores a expectativa de proteção social, de modo que alimentou uma promessa de integração cidadã que mesmo não efetivada cumpriu a tarefa de incorporar finalmente, mas não pra sempre, os trabalhadores como artífices do processo brasileiro de construção do Estado.

A citação de Cardoso contribui para a discussão de um dos conceitos mais caros nas ciências sociais – o de cidadania –, sendo fundamental para a compreensão da “cidadania via fundos de pensão”, analisada no artigo seguinte.

Em seguida Maria A. Chaves Jardim, com o artigo: “Fundos de pensão sindical no Brasil: um “novo espírito” do sindicalismo?” debate sobre as transformações pelo quais passaram alguns segmentos sindicais, com destaque para a CUT, CGT e FS, que começaram a interagir com o mercado financeiro, com atores que passaram a fazer parte da direção dos fundos de pensão. Nesse sentido, a autora chama a atenção para o fato de que tradicionalmente a ação sindical está ligada a salário, jornada e condições de trabalho. Dessa

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

maneira, a aproximação entre os sindicatos e o mercado financeiro, segundo a autora, representa novos nuances na relação capital/trabalho, onde o novo sindicalismo defende essa atuação na defesa da poupança dos trabalhadores, mostrando uma mudança significativa de *habitus*.

A autora também debate sobre o discurso dos sindicalistas em torno do uso dos fundos de pensão em investimentos produtivos e com responsabilidade social e ética, em detrimento à especulação e financeirização, numa tentativa de domesticação/moralização dos mercados. Nesse sentido, um conjunto de crenças e idéias são compartilhadas, em que o Estado pode exercer violência simbólica, fazendo com que os esquemas de percepção e pensamento assumam uma aparência natural. Destaca-se nesse ponto que a autora fundamenta que atores não buscam apenas o viés do ator racional; os atores compartilham crenças que devem ser legitimadas perante os trabalhadores.

Outro apontamento interessante da autora é classificar o mercado dos fundos de pensão como um campo, onde os dominantes seriam os dirigentes tradicionais e os dominados os “dirigentes sindicalistas”. Portanto, ainda que a vanguarda tente influenciar nas decisões financeiras, há limitações devido à disputa no campo. Em suma, o artigo argumenta que o mercado dos fundos de pensão é um resultado polissêmico de interações entre sindicalistas e dirigentes tradicionais, e sobretudo das crenças produzidas e reproduzidas durante o Governo Lula.

O próximo artigo de Antônia Celene Miguel, “Consórcio de Empregadores: novo modelo de contrato de trabalho – do rural ao urbano” apresenta uma análise sobre o consórcio de empregadores, uma nova modalidade de contrato de trabalho que vem sendo promovida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) no meio rural brasileiro. Em primeiro lugar o trabalho mostra o histórico do consórcio de empregadores rurais no Brasil, em seguida são apontadas as doutrinas trabalhistas utilizadas pelo ministério do trabalho para implementar o consórcio de empregados, após isso, é mostrado o consórcio de empregados no meio urbano. A autora aponta que o consórcio de empregadores é um modo de contratação que atende as necessidades de trabalhadores rurais quanto às garantias trabalhistas, pois favorece contratações formais com diminuição dos encargos trabalhistas e previdenciários, assim como atende a necessidade de arrecadação do FGTS. A autora entende que essas experiências são exemplos de como o Estado implementa políticas direcionadas ao funcionamento dos mercados e do próprio mercado de trabalho.

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

O último artigo de Stephane Beaud e Michael Pialoux, *A precariedade no coração do mundo operário: regresso a uma pesquisa de campo em Sochaux-Montbéliard* discute as mudanças no mundo do trabalho por meio de um trabalho empírico realizado na França. O texto retoma as grandes linhas de uma exposição oral que os autores realizaram no Porto, em abril de 2007, sobre as transformações do grupo operário na região de Sochaux-Montbéliard durante os anos 1990.

O trabalho mostra a entrada no mercado de trabalho de jovens originários de classes populares das citès (bairros populares) e sobre como surge um fosso entre as gerações operárias, a ponto de muitos jovens dessas gerações acabarem se recusando a se considerarem como operários. Dessa forma, os autores fazem uma análise de processos de segregação residencial e contextualizam o “motim urbano” nos anos 2000 na França a partir de um processo de pauperização/precarização das classes populares. Assim, associam essas questões fundamentalmente à questão do emprego e do trabalho, da qualificação e dos diplomas e a falta de perspectiva de mudança através da educação. Os autores fazem uma análise interessante, entre uma fábrica da Peugeot que sobe na estima dos operários e a terceirização de trabalhos para uma zona industrial chamada TECHNO-LAND que aparece com uma maior pauperização do trabalho. Outro ponto interessante é a diferença de tratamento na fábrica entre as moças e rapazes, como elemento revelador das contradições nas famílias, sobretudo provenientes da imigração, onde nas fábricas as moças são tidas como preferíveis por conta de suas características em detrimento do apontado machismo e rigidez dos rapazes. A pesquisa é interessante na medida em que ela não se enquadra em uma linha sociológica tradicional e realiza uma série de entrevistas entre os próprios jovens das citès, nas fábricas e nas instituições de educação, mostrando de forma muito inteligente os reflexos do mundo financeiro na reorganização da Peugeot, e como isso tem implicações na precarização e problemas geracionais nos bairros populares.

### **Considerações finais**

Os textos presentes no livro “As centralidades e as fronteiras das empresas do século 21” são textos que levam em consideração inúmeras variáveis baseadas em dados empíricos, com o objetivo de descrever a realidade, demonstrando como a dominação das finanças tem alterado substancialmente o cenário empírico na sociedade. Em adição a isso, a sequência de artigos foi colocada de maneira interessante fazendo análises macro e micro-sociológicas das

## **DOMINAÇÃO DAS FINANÇAS: UM OLHAR COMPLEMENTAR DA MACRO E DA MICRO-SOCIOLOGIA**

---

mudanças na concepção tradicional de organização e empresa, ascensão de novas elites sociais, formas de acesso a cidadania por meio do mercado e precariedade do mundo do trabalho. Destaca-se a riqueza em termos de conteúdo expostas nos textos, que são indicados para estudiosos de várias áreas, tais como sociologia, antropologia, administração, economia e áreas afins, demonstrando que a sociologia econômica e das finanças podem dar substanciais contribuições para mostrar, baseado em Hirsh (2003) a diferença entre “modelos limpos” e “mãos sujas” e as idéias de Douglas (1998) sobre as formações cognitivas dos indivíduos são consideradas atreladas a socialização.

### **REFERÊNCIAS**

DONADONE, J. C; CHAVES, J. M. A. **As centralidades e as fronteiras das empresas do século 21**. Bauru: EDUSC, 2011.

DOUGLAS, M. **Como as instituições pensam**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: EDUSP, 1998.

HIRSH, P. M. “Mãos Sujas” versus “Modelos Limpos” estará a sociologia em risco de ser seduzida pela economia? In: MARQUES, R.; PEIXOTO, J. (Org.). **A nova Sociologia Econômica**. Oeiras: Celta Ed., 2003. p.103 – 123.